

Data: 27.02.2017

Título: Bichos. As pragas agrícolas são uma dor de cabeça

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 1;16;17;18;19;20;21



Conheça as pragas que andam a destruir as nossas colheitas // PÁGS. 16-21



Área: 3773cm² / 62%

FOTO Tiragem: 16.000

Cores: 4 Cores

ID: 5670964

Data: 27.02.2017

Título: Bichos. As pragas agrícolas são uma dor de cabeça

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 1;16;17;18;19;20;21



Agricultura

B ZOOM //
AS PRAGAS Q
ESTÃO A DAR
DAS NOSSAS
FRUTAS E LEC

Área: 3773cm² / 62%

FOTO Tiragem: 16.000

Cores: 4 Cores

ID: 5670964

Data: 27.02.2017

Título: Bichos. As pragas agrícolas são uma dor de cabeça

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

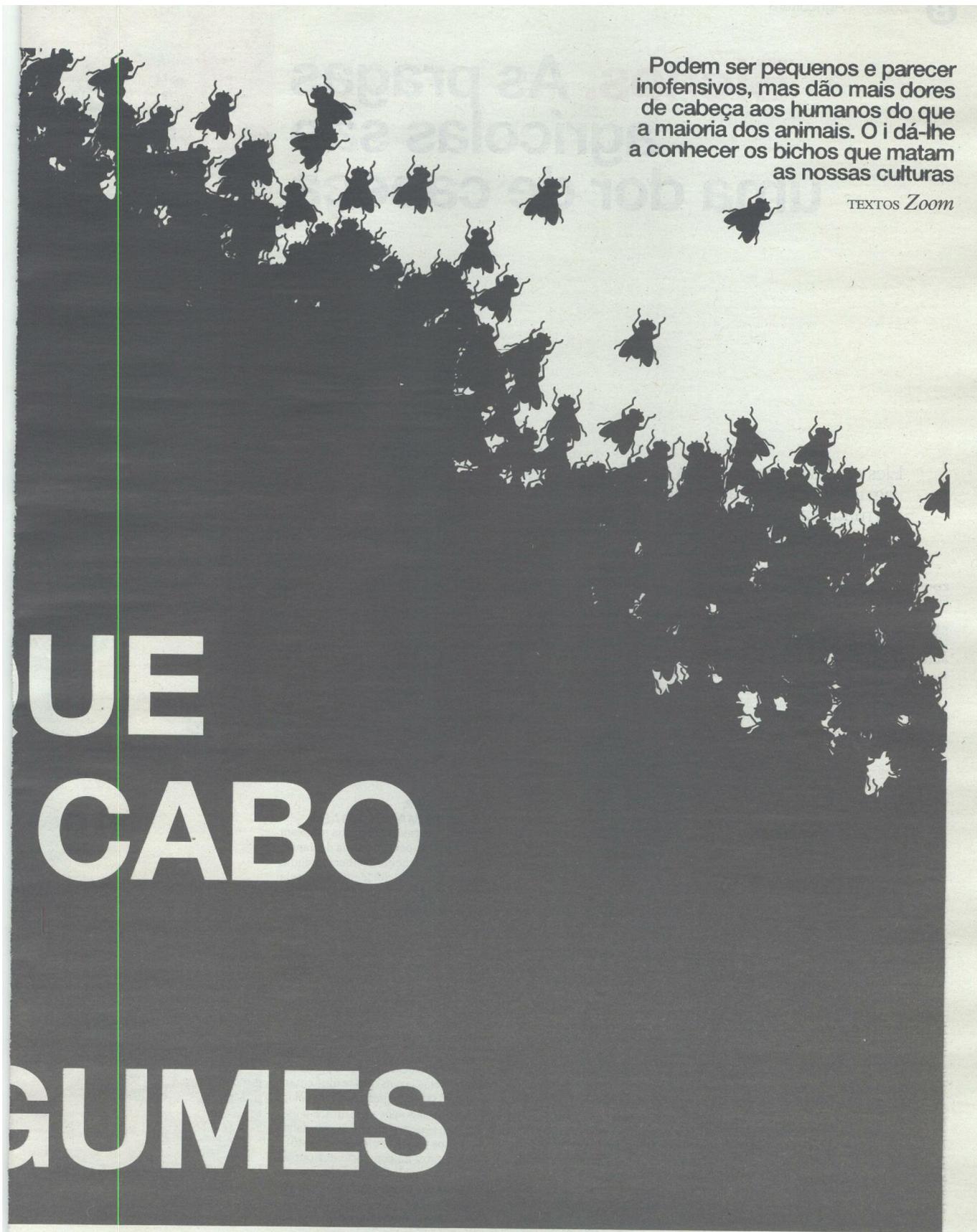
Secção: Nacional

Pág: 1;16;17;18;19;20;21



Podem ser pequenos e parecer inofensivos, mas dão mais dores de cabeça aos humanos do que a maioria dos animais. O *i* dá-lhe a conhecer os bichos que matam as nossas culturas

TEXTOS Zoom



Área: 3773cm² / 62%

FOTO Titagem: 16.000

Cores: 4 Cores

ID: 5670964

QUE
CABO
GUMES



Bichos. As pragas agrícolas são uma dor de cabeça

Eles chegam sem avisar. Quando menos se espera, atacam as culturas agrícolas e os estragos são catastróficos. Às vezes, não há remédio ou armadilha que nos valham. As dores de cabeça são muitas. Conheça alguns dos bichos que assombram os agricultores portugueses

ZOOM
zoom@ionline.pt

São bichos, bichinhos e alguns só sabemos que chegaram depois dos estragos estarem feitos. Ninguém os convida, mas eles vêm e teimam em ficar. Os prejuízos são imensos, as ajudas muito poucas. Uns culpam a globalização, outros as mudanças climáticas. O que apresenta-lhe alguns dos predadores das nossas culturas.



PSILA AFRICANA DOS CITRINOS

É um inseto picador-sugador que tem como hospedeiros exclusivos plantas da família das Rutáceas, cultivadas e espontâneas, entre as quais os citrinos.

Este bichinho tem uma especial paixão pelos limoeiros e limeiras, embora também se encontre nas laranjeiras, tangerineiras, toranjeiras e cunquates.

Quanto aos estragos do *Psila Africana*, as folhas infestadas ficam distorcidas, atrofiadas, encarquilhadas e adquirem colorações amarelas, o que leva ao enfraquecimento da planta e à quebra de produção, não apenas a nível da quantidade mas também da quali-

dade. Foi observado pela primeira vez na Europa em 1994, na Ilha de Porto Santo (Madeira) e mais tarde, em 2002, nas Ilhas Canárias. Só em 2014 foi identificado na Europa Continental, em dezembro na província de Pontevedra, na Galiza em Espanha e em 201, em Portugal, na região do Grande Porto.



A TRAÇA DA UVA

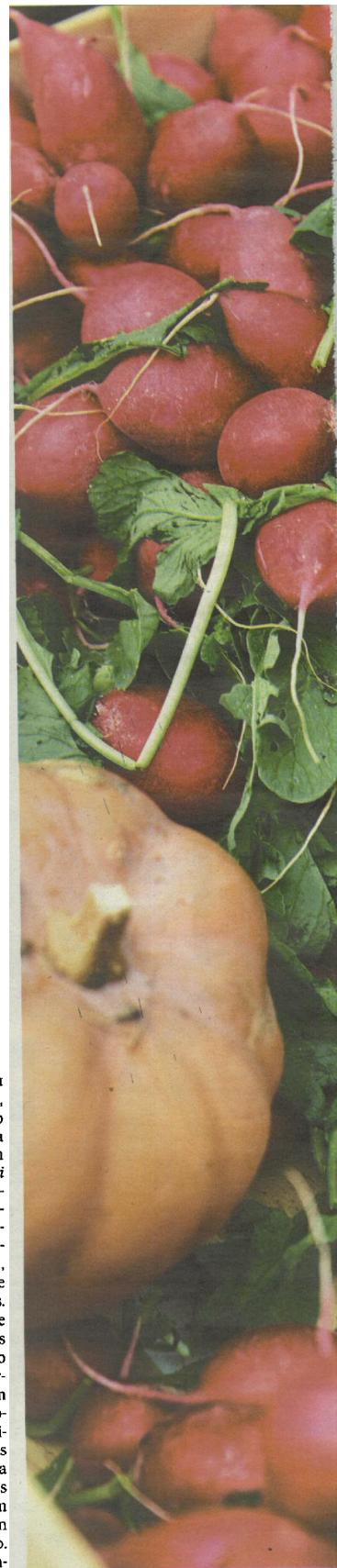
A traça da uva, *Lobesia botrana* Denis & Schiffermüller é uma das mais antigas dores de cabeça para os agricultores portugueses. Considerada a principal praga das vinhas da Região Demarcada do Douro (RDD), afeta drasticamente a economia local com os prejuízos que origina. Além dos estragos diretos provocados pelas lagartas, os estragos indiretos assumem particular relevo. Este bicho causa a destruição parcial ou total dos botões florais, a destruição parcial dos cachos com redução do peso de colheita e a alteração da composição dos bagos por desenvolvimento de podridão cinzenta, com a consequente perda de qualidade. A nocividade da traça da uva está muito ligada às condições climáticas e microclimáticas do local onde se desenvolve, sendo variável segundo as regiões e os anos. Assim na RDD, a praga apresenta de forma geral elevada nocivi-

dade no Baixo Corgo, moderada nocividade no Cima Corgo e reduzida nocividade no Douro Superior.



DROSÓFILA DE ASAS MANCHADAS

Existem moscas aborrecidas mas esta é do piorio. Espécie oriunda do Japão, onde é vulgarmente conhecida como "mosca da cereja", foi identificada pela primeira vez na Europa em 2008 e em Portugal em 2012. A *Drosophila suzukii* infesta uma grande diversidade de frutos, sobretudo os de pequena dimensão. Existem registos de danos significativos em morangos, mirtilos, amoras, framboesas, cerejas, ameixas, pêssegos e damascos. Também pode ocorrer em uvas, figos, dióspiros e kiwis. Esta mosca é bastante especial, já que os danos primários são causados pelas fêmeas que perfuram a superfície do fruto para colocar os ovos e, posteriormente, pelas larvas que se alimentam da polpa. O fruto infestado pode colapsar alguns dias após a postura. É a única do seu género capaz de causar danos em frutos saos, ao efetuar a postura nos mesmos, ao contrário das outras espécies que colocam os seus ovos em frutos já em decomposição ou num estado de maturação muito avançado. Destacam-se como medida de preven-





Área: 3773cm² / 62%

Tiragem: 16.000
FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 5670964

ção a limpeza da parcela. Retirar todos os frutos já maduros ou sobre maduros que não foram colhidos para comercialização e os infestados e manter o solo limpo de restos de frutos é crucial para manter uma desejável baixa densidade da população.

queda prematura. Azeitonas de mesa são desvalorizadas pela simples picada de postura da mosca, e os prejuízos podem ser totais. Azeitonas atacadas pela mosca dão origem a azeites ácidos e com índices elevados de peróxidos. Grande parte da colheita pode ser perdida, pois as azeitonas caem prematuramente e apodrecem.



MOSCA DA AZEITONA

O azeite português é bom e a nossa gastronomia agradece, mas há um inimigo da oliveira que não dá sossego aos agricultores por terras lusas. A mosca da azeitona (*Bactrocera oleae*) é o principal inimigo da oliveira e dos olivicultores. Esta praga encontra-se por toda a bacia do Mediterrâneo e mais recentemente chegou à América do Norte e Central. No Entre Douro e Minho, tem vindo a expandir-se, em parte como resultado do abandono da cultura da oliveira e da não apanha da azeitona, fator que, de ano para ano, favorece o aumento das populações. A não serem tomadas medidas para o seu controlo, a mosca da azeitona pode provocar sérios prejuízos aos novos olivais que têm sido plantados no Entre Douro e Minho e que vão começando a entrar em produção. A atividade da larva no interior da azeitona afeta o seu desenvolvimento e provoca a sua

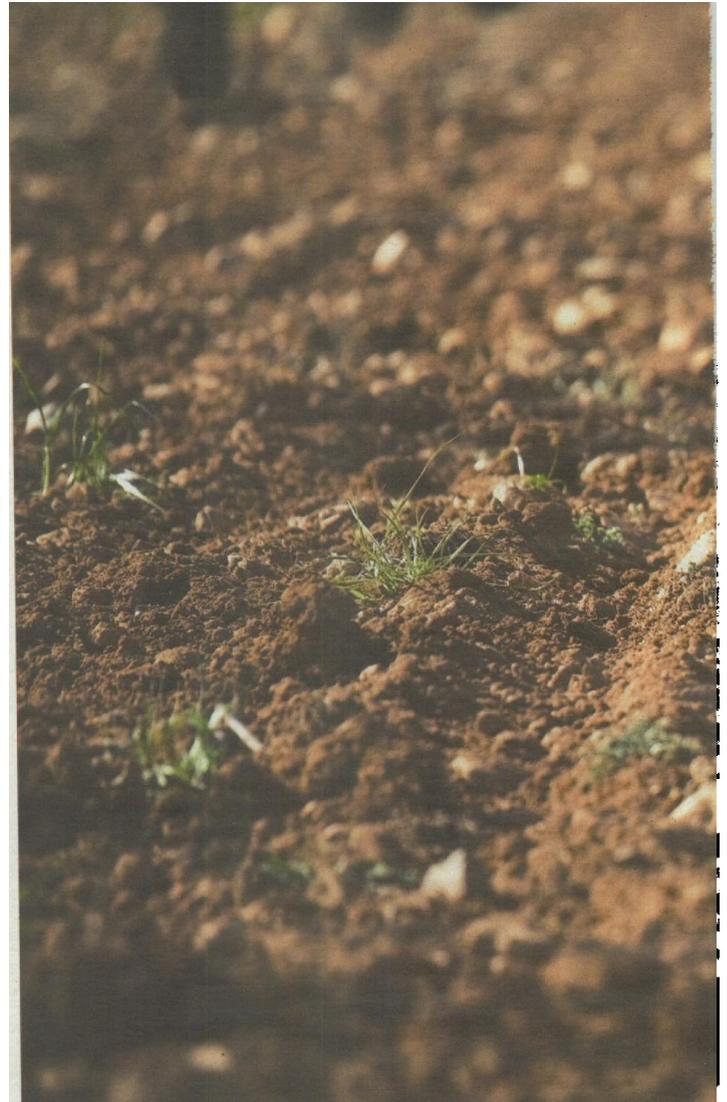
MOSCA DO MEDITERRÂNEO

As moscas não se medem aos palmos, esta pequena destruidora leva tudo à frente. Ataca os frutos de variadíssimas espécies fruteiras – pêssegos, damascos, nectarinas, maçãs, peras, laranjas, tangerinas, figos, dióspiros, nêspersas, uvas e muitos outros – e pode causar a perda total da produção.

O combate a uma praga deste tipo só tem sucesso se for organizado coletivamente pelos produtores, sobretudo através das associações e contando com o apoio técnico-científico dos serviços públicos. O controlo da mosca do Mediterrâneo torna-se muito difícil se apenas um ou outro produtor isolado fizer os tratamentos necessários, pois a mosca passa muito facilmente e com grande rapidez de uns pomares para os outros e mesmo de umas regiões para as outras.



Os prejuízos também são uma praga. Quem acode aos agricultores?



As contas são dolorosas. Algumas resultam em menos 50 mil euros de produção. Os agricultores levam as mãos à cabeça mas as soluções estão longe da vista e do coração. A agricultura é a base da economia de alguns concelhos, o que acontece quando as pragas são incontrolláveis?

ZOOM
zoom@ionline.pt

No norte do país, bem junto ao Douro, há um concelho cheio de agricultores a roer as unhas. Em Resende, famílias inteiras dependem da produção de cereja e, no mês de junho, milhares de pessoas deslocam-se todos os anos ao Festival dedicado àquele fruto. Mas no ano passado "quase não houve cereja", garante Alípio da Fonseca. O produtor de cereja da velha guarda do concelho resendense diz sentir-se "frustrado".

A produção do ano passado sofreu uma queda de 50%. "Estamos todos em pânico a tentar perceber como é que se pode lidar com isto". As previsões, segundo os que trabalham a terra todos os dias, é que este ano a praga da *Drosophila Suzukii* irá ser ainda pior. A mosca oriunda do Japão que destrói tudo o que é cultura de pequenos frutos chegou para ficar. Alípio tem, no entanto, esperança que o inverno tenha estado do lado dos que produzem cereja. "O inverno cá em cima

foi frio e ela pode ser que esteja mais fraca este ano. Eu tenho as armadilhas expostas e ela não está a cair, tudo indica que está adormecida".

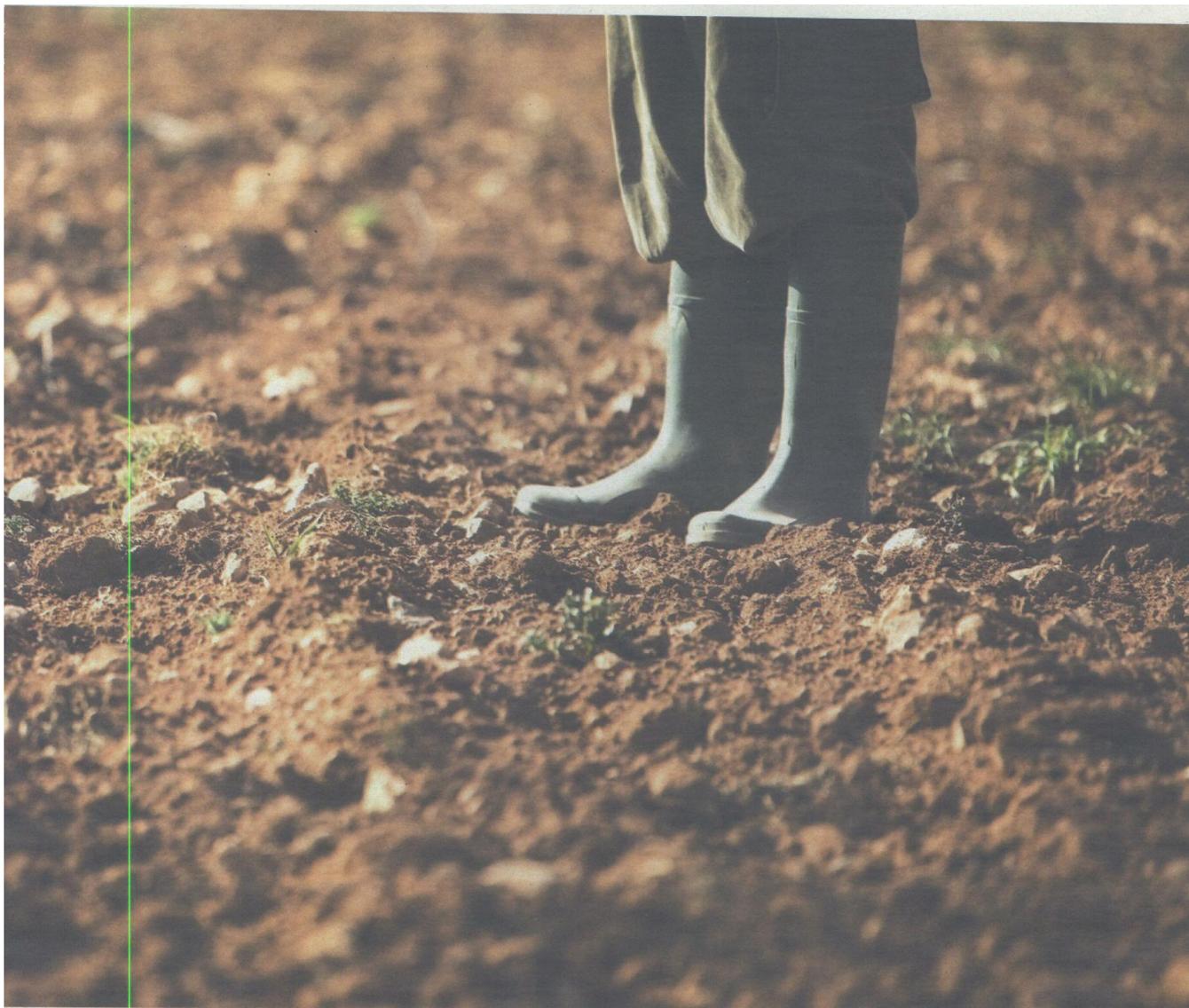
Elizabete Figueiredo, professora do Instituto Superior de Agronomia, explica que os meios de proteção preventivos

assumem maior relevância nesta praga. A utilização de armadilhas (dispositivo e isco) poderá ser utilizada para capturar em massa e, combinada com os cuidados essenciais de manutenção da cultura, nomeadamente retirada de frutos maduros e a limpeza do solo, deverá produzir resultados. Segundo a docente, o grande problema no combate a esta praga é o facto de não existirem comportamentos generalizados por parte de todos os produtores no que toca à proteção das culturas com meios de prevenção: "Enquanto não se mudar a forma de negócio com que os produtores lidam com os seus trabalhadores, em que passem a ser pagos não só pelas horas de trabalho / peso do fruto, mas sim sobre a qualidade do fruto que apanham, isto não vai mudar".

"Quem nos dera que os seguros ajudassem com as crises climáticas, quanto mais falar nas pragas..."

A mosca oriunda do Japão que destrói tudo que é cultura de pequenos frutos veio para ficar

"VENDEU-SE CEREJA ESPANHOLA EM VEZ DA NOSSA" Alípio da Fonseca tem sido muito ativo na procura de respostas para combater a *Drosophila Susukii* e sente-se revoltado por os produtos fitofarma-



Área: 3773cm² / 62%

Tiragem: 16.000

FOTO: 4 Cores

ID: 5670964

cêuticos homologados para o combate à praga, em Portugal, chegarem sempre atrasados em comparação com os outros países da União Europeia. "Estes não são eficientes. Nós já somos pobres, mas se nos dificultam a luta contra este tipo de prejuízos, fica muito difícil conseguirmos trabalhar. No ano passado vendeu-se cereja espanhola em vez de se vender a nossa, eles tem produtos homologados que a União Europeia permite e nós não, e ninguém percebe porquê".

A associação Douro Dinâmico chegou a enviar um pedido de autorização para aplicação dos outros produtos ainda não homologados em Portugal, mas este foi recusado pelas entidades.

João Machado, presidente da Confederação dos Agricultores de Portugal, explica que o facto da União Europeia reduzir a lista de fitofármacos permitidos no combate às pragas dificulta em muito a vida dos produtores portugueses. E quando abordado sobre as homologações do nosso país, afirma: "Este é sem dúvida um problema. As homolo-

gações em Portugal acabam sempre atrasadas porque somos um país pequeno e a nível de concorrência estamos sempre em desvantagem".

QUEM PAGA OS PREJUÍZOS? Alípio sente que nada é feito pelos produtores. No

“As homologações acabam sempre atrasadas porque somos um país pequeno”

“O meu medo é que no meio do desespero usem produtos ilegais para combate a este tipo de inimigos”

último ano, o prejuízo final da produção de cereja do agricultor de Resende foi de 50 mil euros. Elisabete Figueiredo avisa que, normalmente, este tipo de prejuízos não são protegidos por seguros: "Quem nos dera que os seguros ajudassem com as crises climáticas, quanto mais falar nas pragas...".

João Machado afirma porém que "tudo depende da cultura de que se está a falar, porque há seguros que cobrem prejuízos relacionados com pragas agrícolas, ainda que não exista nenhum específico para as mesmas". Para Machado, as pragas activas em Portugal são já suficientemente antigas e estão estáveis há tempo suficiente para que os danos provocados possam ser previsíveis.

A presidente da Douro Dinâmico, Alexandra Janela Pires, por seu turno, revela-se preocupada. A engenheira teme que os agricultores possam "no meio do desespero, usar produtos ilegais para o combate a este tipo de inimigos". Mas a verdade é que "ninguém sabe como ganhar esta luta". Haverá alguém que os acuda?

As pragas agrícolas, juntamente com a aleatoriedade da meteorologia, são um poderoso inimigo das culturas

SHUTTERSTOCK